

)que(

Provocações

Capítulo I

REGISTRO DAS PROVOCAÇÕES FEITAS CONTRA CLESTIS PTARIS, SUA ESPOSA DELÍCIA GRESTE E SEU FILHO DELCLES GRESTE PTARIS.

Rio dos Astros, 15 de Junho de 2001.

Fui técnico em áudio e eletrônica, diretor geral de grande revista do ramo, autor de vários artigos e de um grosso livro sobre essas matérias.

Hoje não tento: já sou escritor; pois, há quase dez anos, venho criando e tecleando em meu velho e doente micro a obra máxima da literatura universal, que, mesmo ainda não publicada, autoriza-me a usar tão nobre título.

Vivo, com Delícia e Delcles, do aluguel das cinco saletas onde funcionava nossa empresa artesanal de áudio e eletrônica, que encerramos por vários motivos: a invasão dos produtos estrangeiros, a minha insistência em não me associar e submeter a empresas de fora e a expansão da tecnologia digital, que não permite montagens artesanais com seus componentes miniaturizados, vendidos só a granel e feitos para serem montados por máquinas. Não é de minha natureza ser liderado; sim e somente, liderar.

Tal vida às vezes é difícil, e muito, máxima quando mais de uma saleta se desaluga. Porém, escrever essa máxima obra é a missão suprema de minha vida; e Delícia com Delcles apóiam-na inteiramente.

Escrevo este registro para ser reconhecido e datado em cartório e servir de testemunho do grave transe pelo qual minha mulher, meu filho e eu temos passado em nossa residência, situada no lote 5, quadra A, Jardim Nossa Calmaria, Mar do Sargaço, Rio dos Astros - WK.

Antes de mais nada, quero esclarecer: estudei psicologia numa das cadeiras do curso de administração de empresas na EAEWK - FYK e sei a definição de paranóia (nome mais correto de paranóia), bem como lhe conheço as manifestações: surge feito ambições suspeitas e segue qual delírios (ou delusões) de perseguição e grandeza, estruturados em base lógica. Estou pronto a ser examinado por qualquer psicólogo para comprovar-me livre dessa psicopatia. Não implico, inclusive com os moradores das redondezas; e os acontecimentos aqui narrados nada são além de fatos.

Minha mulher, meu filho e eu temos sido vítimas de provocações por parte de vários vizinhos.

Essas provocações vinham sendo dissimuladas, veladas, quase sempre imitando os ruídos de nosso trabalho, realizado com ferramentas nos lotes de terreno ao redor de nossa casa. Vezes, esses vizinhos nos brindavam com vaias, mas sem chegarem a proferir nossos nomes ou a ofender-nos com palavrões.

Vários acidentes, aparentando coincidências, ocorreram com nossos gatos e galinhas, os quais somem ou surgem mortos.

Tratamos um profissional para a construção de nosso poço de água, num lote comunitário onde há poços de outras pessoas. A perfuração, já paga, foi interrompida a sete metros, um antes de chegar à profundidade contratada.

O sr. Zério é nosso vizinho de loteamento; não, de mesma rua; e possui velho poço, com sete metros e meio de fundura, contíguo a esse nosso.

Após ter sido convidado, com seu ajudante, a comer feijoada em casa do sr. Zério, o profissional disse que não prosseguiria no trabalho de nosso poço até os oito metros “por haver excesso de água”, apesar de, no contrato, afirmar-se apto a resolver esse e outros problemas que surgissem e garantir a chegada a oito metros, mesmo que desse em pedra dura.

Além do excesso de água, o perfurador alegou o surgimento de pedras e nos mostrou um montículo das redondas, do tipo encontrado na superfície, gastas pela erosão, que jamais poderiam ter sido retiradas do fundo do poço como asseverou.

O profissional pareceu-nos impedido de continuar nosso poço além da medida daquele do sr. Zério. Se este interferiu, desconheceria o princípio dos vasos comunicantes: com ou sem um poço de maior profundidade, o nível de todos será (em curto prazo após cada extração de água, dado pela permeabilidade da terra) sempre o mesmo, e não adianta proibir alguém de ir mais fundo.

As diferenças devidas ao tempo de preenchimento dos poços cujas bombas acabam de esgotar a água não são significativas, pois a permeabilidade do terreno é alta, e os níveis logo se igualam. Essas diferenças só seriam notadas num regime de máxima escassez, ao qual o possível procedimento do sr. Zério nos leva a todos.

Nesse mau regime, os poços ficam quase vazios; e as bombas têm de ser ligadas e desligadas freqüentemente, por curtos períodos, empatando tempo e despendendo energia elétrica, bem como queimando por falta de água e entupimento com areia. Não se tem água senão para um mínimo de necessidades e sofrem-se diversos problemas disso decorrentes, fáceis de imaginar.

Não nos incomodamos mais com o incidente e deixamos por isso mesmo, sem exigir multa ou devolução de dinheiro. Per cortesia e para ampará-lo, pois luta com dificuldades, demos três bombas de água usadas ao profissional que perfurou os sete (e não oito) metros de nosso poço. Durante vários dias, ajudamo-lo também com merendas gratuitas, enquanto iniciava a perfuração do poço do sr. Rajão Borlas, em seu lote dos fundos, próximo aos de nossa residência. O sr. Borlas tem uma casa que usa para fins de semana e onde não mora, pegada à nossa. O nível desse terreno é muito mais alto que o daquele, comunitário, onde estão os outros poços: o perfurador furou uns quinze metros para o sr. Borlas, não obteve êxito e foi-se, sem nos criar problemas.

Os ruídos provocativos vindos dos arredores continuaram. Certa vez, instalei um poste para separar os fios de telefone dos fios dos “gatos” da rede elétrica. Nesse dia, os ruídos surgiram em seqüência, de quatro pontos distintos ao redor de nossa casa, tendo mesmo num deles, o último, sido disparado um tiro, para finalizar a seqüência.

O Espírito do banheiro

Capítulo II

Escrito o primeiro relatório sobre as provocações, eis-me de volta ao papiro virtual de meu arcaico micro para narrar a mim mesmo; quem sabe, ao futuro Leitor; certa ocorrência no mínimo curiosa, que daria té bom título para atrair alguém numa livraria a comprá-lo sob a forma de um livro. Ou seria preferível escrever: *sobre* a forma de um livro? Não: não entenderiam o jogo de palavras, e pareceria erro, mesmo se eu acrescentasse a palavra “impresso”, antes de “sobre a forma”.

Como não quero atrair ninguém, gasto (pois “desperdiço” seria injusto) esse belo título num simples capítulo e sigo em frente.

Nunca vi, ouvi ou senti qualquer ente chamável de espírito, Alma doutro mundo, fantasma e tal. Mas, se não é um desses quem mora do outro lado do espelho de um dos dois banheiros de casa, o do andar de cima, desconheço outro melhor nome, senão espírito, para ele.

Espírito ou não, alguma luz, que não entrou mas sai desse espelho, ilumina-me o pensamento, sempre quando me aproximo dele, nas curtas meditações indispensáveis para passar o tempo durante o barbear e outras atividades salutarens menos educadas, que pratico na pobre pia, sob esse espelho, feito urinar, lavar-me após ir à privada e tal. Menos educadas como escrever sobre elas; mas quem sabe a Leitora, o Leitor, perdoará o crítico, quando este me cair na alma por tal deslize, e se aproximará de mim, por descobrir-me simplesmente humano.

Não sendo eu vítima da vingança mística da pia; não sendo eu vítima de um grande engano; então sou o beneficiário dessa luz, dessa força, que merecem iniciais maiúsculas; Luz e Força; para distingui-las dos fenômenos físicos homônimos.

O Espírito do banheiro me infunde paz, e profunda, quando ali me encontro. Às vezes me sussura, em sua voz silente, soluções para meus problemas, condutas adequadas em situações difíceis, inclusive essa das provocações.

Quantas vezes deixei de sair correndo para agredir alguém, para gritar, para chamar à briga; e teria saído armado para matar, se ainda possuísse, caso o Espírito não me elevasse acima disso e de mim próprio, mostrando a mesquinhez e a inutilidade de tais procedimentos; ao menos, ante o atual nível de provocações.

Certo dia pluvioso, esse sussurro sem palavras transformouse em bruma; e, na bruma, havia a paisagem indistinta de um lugar ermo, areento, dum passado ao extremo longínquo, duma distância além de muitas estrelas, mas aquém dos confins da Galáxia.

Como sabia disso? Não sei: só sei que sabia e sei.

Ora, penso eu, para não pensarem primeiro, na hipótese de já o não terem feito: espelhos mágicos são coisas vulgaríssimas; nem a Rainha Má os usa mais, pois não há nos mundos mulher mais cansada e feia do que ela. Nos filmes de terror, os entes malignos de dentro dos espelhos liquidaram todas as suas vítimas, não restando nenhuma para neles entrar e os substituir. Assim, tais mortos remorreram de tédio, porquanto nem mais tristeza nem ódio vivenciavam. Os rosacruztes, ou rosa-cruzes como querem os dicionários, têm seus espelhos; e espírito algum sai destes, apenas servem-lhes aos nobres rituais. Os automóveis trazem espelhos, chamados retrovisores; suas superfícies mui convexas aumentam o campo de visão, distanciam a imagem do que perigosamente se aproxima por trás; e, esses sim, são espelhos letais!

Mas meu espelho é especial! Parecido ou não com aqueles, é real; através dele e junto a ele acontecem coisas, fatos, verdades; e tudo isso me muda a existência, e muda-ma para melhor.

- Ah, e o tal dia pluvioso? Era poético e merecia esse nome, ou não passava de chuvoso?... Não vai contar a história?

- Calma! Um dos maiores dons do espelho é a calma, a tranqüilidade, a paz. Nesse dia, em si poético por estar chovendo,

a imagem foi breve, volátil; e logo se dissipou a bruma, enquanto as batidas provocadoras violavam-me o limiar da percepção. Embora não mais me pusessem a ponto de agredir alguém, essas batidas me traziam à triste realidade de quem teve um sonho lindo, o de um lugar para morar e aprimorar, para ver nele correr alegre a bela companheira e o filho forte, e sobre esse sonho vê caírem feito pesadelos os olhos cruéis da inveja, os ruídos atormentadores do ódio, as névoas espessas dos pensamentos malignos.

Além do Espírito do banheiro, que considero bênção, tenho notado mais uma coisa diferente na vida; e essa, ao contrário, é maldição: houve um tempo, não sei quando, sei que há muito; quem sabe, noutra existência; em que se pedia a Deus, e Deus ao menos ouvia, se não chegava mesmo a atender. Hoje Deus; que existe, pois sinto-O; parece inexistir, e não ouve, e não atenta, e não atende. Que haverá de errado no Universo? de errado em Deus?

- Quê! erro em Deus?

- Sim! e por que não? Que porquê conduzirá ao quê dessa questão? Oh, Deus! não me responde por quê? Se me castiga, é por causa de quê? Oh, que vida difícil, a de quem não mais O escuta!

- O quê! você só pensa em Deus porque não lhe responde?

- Não! penso que penso; faz muitos anos que penso em parar, quase que consigo; penso em desistir que já é hora; penso que tenho que conseguir, e não adianta: é que penso n'Ele o tempo todo. Que distante de mim está esquecer-Lo, a Ele que me criou! Minha própria existência é a razão por que nunca O esqueço!

)que(

Possíveis motivos

Capítulo III

POSSÍVEIS MOTIVOS DAS PROVOCAÇÕES

Os motivos dessas provocações, suponho, podem ser os seguintes:

1 - Não frequentamos casas de vizinhos, pois não têm nossos mesmos interesses e cultura.

2 - Nunca tratamos vizinho ou itinerante impolidamente; mas não costumamos cortejá-los, visando obter-lhes as boas graças.

3 - Após a construção da casa por pedreiros e nossa mudança para ela, todo o trabalho de aprimoramento dos terrenos, da casa e da plantação de gramado e flores é feito apenas por nós, sem darmos serviço a terceiros; a não ser uma vez, na impermeabilização das paredes.

4 - Durante os primeiros anos de residência, afastei o gado e cavalos dos terrenos ao redor de nossa morada, em diversas ocasiões; pois esses animais destruíam a cerca viva, pisavam e quebravam a laje do sumidouro e danificavam o gramado e as outras plantas.

5 - Não temos cães; não os detestamos, mas criamos gatos. Não podemos cercar o conjunto de nossos terrenos para pormos cães atrás da cerca, já que estamos adquirindo aos poucos novos lotes, e a cerca teria de ser desmanchada e freqüentemente refeita. Cães acorrentados não admitiríamos em nosso lar. Nunca fizemos mal a cão algum, nem os matamos, limitando-nos apenas a atirar-lhes pedras quando nos invadem os terrenos, propositadamente sem acertá-los e machucá-los.

6 - Não saio quase de casa, por motivo de nela trabalhar de manhã, escrevendo um livro com treze volumes, aquela máxima obra, o que já venho fazendo desde 1994, bem antes da mudança para Rio dos Astros.

7 - Quando trabalho diariamente, à tarde, capinando e nivelando os terrenos, faço ao mesmo tempo exercícios físicos, pois sofro de contratura de Du Puytren nas mãos e de Leder Hose nos pés, bem como sou pré-diabético; e o exercício físico é essencial, inclusive para compensar o esforço mal equilibrado do trabalho curvado sobre a terra e por causa de minha idade, 56 anos. Esses exercícios podem parecer comportamento estranho a quem os veja, sem estar informado do motivo. De vez em quando, pratico algum caratê com Delcles (o meu filho; lembra-se?), no gramado, sem exibicionismo e absolutamente sem qualquer provocação. O gramado é cercado de hibisco, tem uns mil metros quadrados e fica suficientemente longe de vizinhos para que nosso treino os perturbasse, sendo, apenas, visível de longe e sempre silencioso: não damos gritos nem fazemos gestos que possam ser mal interpretados, de espécie alguma. Trabalho também por prazer, além de para manter a forma; portanto, o faço por esporte. Meu esporte é, pois, o trabalho deles, os vizinhos, de que tanto reclamam.

8 - Não cedemos energia elétrica a vizinhos, como é costume local: pagamos a instalação do poste, o último da linha, e o doamos à CEWK, bem como pagamos o “PC” e temos “relógio” medidor, tudo legalizado e correto.

9 - Um criador de gado recomendou-me a construção de uma cerca de arame ao redor de meus terrenos para evitar a entrada de suas vacas, e ele poder deixá-las soltas a pastarem nos lotes desocupados derredor. Recusei-me a fazer tal cerca, pelos motivos que já informei: temos comprado novos lotes e pretendemos, apesar de tudo, adquirir outros. A cerca teria de ser desmanchada e refeita frequentemente. Limitei-me a plantar uma cerca viva de hibisco, a qual vou mudando à medida em que compramos novos lotes.

10 - Não sigo o costume local de incendiar o mato dos nossos terrenos nem daqueles que pretendo adquirir.

11 - Quando, certa feita, um trabalhador apareceu com foice e ferramentas para limpar um dos lotes vizinhos, suspeitei de

invasão e não permiti a limpeza: avisei os responsáveis pela imobiliária, que me pediram para chamar a polícia e fazer parar qualquer invasão, caso quem aparecesse para mexer nesses terrenos não viesse com os documentos de propriedade. O trabalhador citado nomeou duas pessoas como mandantes de sua invasão, uma das quais é um de nossos vizinhos, o sr. Zério. Fui à casa deste educadamente perguntar se fora ele quem mandara o trabalhador; e o sr. Zério disse que não, que era tudo coincidência. A outra pessoa citada pelo trabalhador não encontrei: o telefone dado por ele como sendo dessa pessoa era de um hotel.

Eh, Brasil! país das coincidências e das intermitências! Porém é o meu país, e o amo; igual amo a Terra, a Lua, o Sol, as estrelas, a Galáxia e todo o Cosmo. Também amo a Deus, e Ele jamais responde...

Areias de Umalfa!

Capítulo IV

Hoje a bruma é suave, úmida, táctil, quente, branca feito o açúcar assaz refinado e se dissipa bem rápido no espelho! Quererá o Espírito revelar-me algo?

- “Açúcar”? Não seria mais elegante escrever “neve”?

- Talvez fosse, mas neve só conheço a da geladeira, e nem o açúcar nem essa neve são tão alvos como a pele de Delícia. Porém Delícia é só dela mesma, de nosso filho e também só minha; não pretendo compartilhá-la nem coa elegância das frases bonitas. Além disso, acho neve muito batido, e coco só me atrai nas balas de dona Alice, que a ninguém direi quem é...

Retorna-me, clara, nítida; envolve-me a imagem, o cheiro, o tato; tudo, do lugar ermo, arenoso; dum passado assaz longínquo; duma distância além de muitas estrelas, mas aquém dos confins da Galáxia.

Como soube disso? Não sei: só sei que soube e sei. E agora sei melhor, porquanto vejo e sinto melhor! Existe alguma coisa; coisa, não: algum lugar, bem detrás da bruma.

E desta vez ouço! Há som! E tal som é ruído, como o que fazem os cupins a roerem a madeira, para quem os escuta de orelha colada sobre a cavidade escondida sob a superfície de um pobre móvel, onde ocultamente trabalham.

Cuidado, orelha! Teu conduto leva quase até o cérebro; e, se os cupins andaram assistindo à televisão ou a certos filmes de ficção, podem querer invadi-lo para dominarem-lhe a dona, ou o dono, e tornarem-na mais louca do que o mais doido escritor!

Mas esse doido não sou eu (talvez eu seja outro); e este som, este ruído que ouço a sair dentre as voltas da bruma, feito a fera sai dentre as folhas da mata, é mais áspero, mais agudo; igual ao da

ferramenta, um disco de cristal, deslizando sobre outro disco de cristal mais grosso, o futuro espelho dum telescópio óptico.

Pois também trabalhei nisso, Leitora, Leitor. Trabalhei com o afinco e o amor, e a nem tanta paciência, do jovem, quando, com quinze anos, desbastei e poli meu primeiro espelho, para meu primeiro telescópio!

Isso, porém, não interessa mais. Você não quer saber de alegorias nem de reminiscências: prefere conhecer a causa e a fonte do tal ruído; não é?

Também eu gostaria de descobri-las; e nada vejo, senão areia!

Sim! já não é a bruma; existe areia detrás desta, que se dissipou atrás de mim, levando consigo o meu banheiro.

Se não fosse gente, diria ser eu uma ilha. Uma ilha cercada de areia por todos os lados, senão por cima.

E meus ouvidos de técnico em áudio não me enganam: contam-me provir o ruído de algo ou de algum ser; este, sim, cercado de areia por todos os lados, inclusive por cima!

Então, se está cercado também por cima, só pode estar sob a areia; e como a areia é o próprio chão em que agora já piso; longe, mui longe, do piso do meu banheiro; tal ser só pode estar sob o chão! Sim! Esse algo, esse ser, seja o que for, está trabalhando debaixo da areia, sob o chão.

- Trabalhando no quê? em que coisa?

- Na própria areia é difícil, pois se mostra uniforme; e se algo ou algum ente nela operasse, haveria construções, como as dos cupins, ou os grãos teriam diâmetros diversos, caso esse ente os estivesse moendo. Porém, nem vejo construções, nem os grãos variam: são todos rigorosamente idênticos.

E se esses grãos não forem exatamente de areia? Para pensar a verdade, nunca vi areia deste tipo: parece artificial, tão exatas e redondas são suas partículas.

Arriscaria um dedo, a mão, o braço, enfiando-os na areia para saber o que lhe vai no fundo?

Arriscaria a vida, se isso me mordesse, envenenasse-me; puxasse-me o dedo, a mão, o braço, o corpo inteiro, para o fundo desse mar de bolinhas miúdas, dessa areia que não é areia, dessa infinidade que se ri das estrelas do céu?

Por pensar em estrelas... haverá alguma além desse sol, um sol mais laranja que o Sol, quem sabe prestes a explodir em gigante vermelha e se rir dessas bolinhas, fundindo-as numa bolona só, num planeta de vidro, como parece ser a substância de cada uma delas?

E será mesmo este lugar um planeta? Que me leva a concluir isso? O horizonte, mui distante; mais alto, por ser mais longe que o da Terra, por ser menor a curvatura deste globo - se globo este mundo for.

Seria um mundo plano? Seria artificial? Uma estação espacial coberta de grãos de vidro, em contínua produção no âmago do solo; um solo talvez de aço, ou de metal inda mais nobre? Um orbe artificial, onde milênios são nada ou pouco, pois seus construtores são eternos ou quase?

Curioso! Se isto é sonho, não o dirijo. Se é alucinação criada pelo Espírito, não traz respostas, a não ser para quem as busque, e nisso é igual à Terra, onde só encontra quem procura.

Nesse caso, a mensagem é: procure. Arrisque. E arriscarei. Mas arriscarei com cuidado...

Tiro o chinelo...

- Chinelo?

- Ora! Escritores andam de chinelos em casa, principalmente quando sapatos lhes machucam os pés, e, ainda mais, se estes têm contraturas, feito a de minha mão esquerda, que só dóem às vezes; e vezes, nessas vezes, muito.

Com a sinistra, menos útil e já deformada ao pé da destra, vou metendo a ponta do chinelo direito, direto no solo em busca do desconhecido. Daquele monstro que me arrancará o braço, ou daquela ninfa que puxarei nua dentre as bolinhas de cristal...

- Uê! já viraram cristal? Não eram de vidro?

- Ora! Ninfas merecem cristal! Não fica bonito puxar uma ninfa de um chão de bolinhas de vidro. E Delícia não acharia romântico; embora, mesmo deusa, se enciumasse um pouco da ninfa...

Opa! A consistência do solo muda, após enfiado um terço do chinelo.

Puxo o chinelo de volta, e eis a resposta ao grande segredo! Esmagadas, na ponta do chinelo, estão duas pequenas lagartas, uma pouco maior que a outra, ambas coas mandíbulas cheias de areia; areia de verdade, da fina, da grossa e de grãos irregulares; e o ventre a expelir uma série de bolinhas idênticas, ainda emendadas pelo intestino expulso no esmagamento, todas com igual diâmetro, tanto as da lagarta maior quanto as da menor.

- Desse jeito, tem de haver um limite mínimo ao tamanho da lagarta, e ela assumiria outra forma antes dessa; caso contrário, teria explodido ao defecar sua primeira bolinha.

- Tem razão. Deixe ver melhor. Bom, as bolinhas são em verdade idênticas, tal como a distância entre as suas superfícies. Não são proporcionais ao tamanho das lagartas; entre a superfície de uma e a da seguinte, a medida é a mesmíssima e também entre os centros. Puxando uma fileira para o lado da outra - agh! que nojo! - as bolinhas de ambas se emparelham com perfeição.

Sacudo o chinelo, e as lagartas com suas bolinhas somem-se nalgum lugar do mar de vidro - vidro, sim, porquanto a ninfa já se foi, com seu cristal...

Não pareceram agressivas: embora estivessem mortas, ou morrendo, não possuíam pêlos, quelíceras, ferrões, nem a gosma me queimou o dedo, quando, temerariamente! emparelhei as fileiras de bolinhas. Nesse caso, posso meter a mão neste mar, pois se é infinito e segue além do horizonte, dando talvez a volta ao mundo (ou seja lá o que isto for) é dos mais rasos; ao menos, nesta área.

Ora! que não estou sonhando sei muito bem, pois lembro-me de casa e do espelho; recordo-me de como aqui entrei e, quando sair, poderei pegar uma pá, talvez mais ferramentas, para trabalhar e explorar este mundo ermo. Isto é, *se* sair!

Ih, meu Deus! Deus que não me ouve, e que, se ouve, não responde. Oh, meu Espírito; você, sim, atencioso e amigo! Poderei sair? Poderei entrar novamente?

Quê! que adianta cogitar? Devo agir; e é já!

Volto-me para trás, pois ali deve estar o espelho. Nada vejo, mas sei que está ali. E tal “atrás” só é o do espelho se nesse “atrás” eu fixar a vontade.

Pronto! Fácil como entrei, saí! Estou no banheiro; e, no espelho... - volto-me - eis o reflexo de meu rosto, como quase sempre.

Corro ao quintal; não, sem ouvir as batidas provocativas de sempre; mas, desta vez, que se danem os provocadores! tenho algo importante a fazer!

Apanho sob a escada externa da cozinha a pá de cabo plástico. Ah, como odiei esta pá, quando Delícia ma trouxe! Como a xinguei de brinquedo e de enganação pra baixo!

Xinguei a pá; não, a Delícia, ora!

E como esta pá me vem surpreendendo por estar durando muito mais que a de cabo convencional! Mas não vou propagandear objetos de plástico: os cabos comuns são degradáveis; e os de plástico durarão séculos, empestando o ambiente.

Subo correndo, de volta, a escada tipo Santos Dumont (daquelas que só se sobem começando com o pé direito), que Delícia e Delcles tão bem confeccionaram para embelezar nossa residência e poupar espaço. No andar de cima, entro o banheiro e posto-me perante o espelho, como se este fosse um portal.

Nada acontece. Só vejo minha face, a princípio sorridente e confiante, aos poucos séria e decepcionada, já tensa e envergonhada, e mesmo revoltada, com o ridículo daquela pá, única coisa vermelha no banheiro, berrante feito o cacófato de “única coisa”!

Que idiota! Eu devia ter ficado lá! Lá, no planeta; ou seja o raio de lugar que for! Lá... Atrás do espelho, detrás da bruma de balas de coco de dona Alice... Dentro da loucura, que começa a nublar-me o pensa...

Aqui!!! Sim! Cá estou, de novo, com esta linda pá de cabo plástico incorruptível na mão, a magna ferramenta do único explorador, do dono quiçá deste novo mundo, todo meu e das pobres lagartas, que, milhões, bilhões, bilhões de bilhões e muito mais, transformam a areia da grossa, da média e da fina em incontáveis bolinhas de vidro!

Obrigado, ó Espírito! Se não me quer contar, ou não pode, ou não deve, a história deste lugar, se história tiver, e qual coisa existe debaixo da areia, eu mesmo descobrirei!

Eu, o descobridor deste novo mundo - pois você não conta; não é? amigo Espírito; nem vocês, oh pobres lagartas; e também não você, ó sol avermelhado...

O *dono* deste novo mundo, se acolá do horizonte inexistir quem assim se nomeie, quem conceba este mundo feito mundo, para poder pensar, querer e sentir dominá-lo!

Mãos à obra, amiga pá... E ponho-me a cavar.

No primeiro golpe, a metade superior da pá traz meio palmo de bolinhas de vidro, seguidas duma camada de lagartas vivas e, sob estas, mais meio palmo de areia verdadeira.

Vou cavando e amontoando bolinhas, lagartas e areia num aglomerado que se eleva, o único na superfície do mundo; sobe, tão magnífico ou mais, comparado à Grande Pirâmide, pois esta tem concorrentes; e o meu monte, não!

Ao lado do monte, um assim magnífico buraco, o único na superfície do mundo; desce, tão magnífico ou mais, comparado ao Grande Cânion, pois este tem concorrentes; e meu bu... isto é, minha cova (...), não!

Um metro de profundidade e, de repente...

- Pá!!! Crrrzzzz!!!

- Ah! Por isso devem ter chamado isto de pá! Quando bate na pedra debaixo da areia o barulho é “pá!”.

Então é assim! Então é de pedra o fundo deste mundo! E quem terá transformado a pedra em areia?

Uma aragem quente bafeja-me o rosto; não, tão quente a ponto de não me refrescar a pele suada sob a camisa branca; não, tão quente a ponto de não se mostrar amiga e confidente.

Sim! a aura! a brisa! o vento! Foi o vento o primeiro mestre deste mundo, e, antes dele, o mestre do mestre foi aquele sol laranja! Quem sabe era amarelo nesse tempo remoto, quando só pedra se pisava aqui! Se pés houvesse, para pisarem.

E mar? Haverá mar neste globo? Ou a água já se terá evaporado, restando apenas a umidade na areia e no ar? Quem sabe, debaixo da pedra? Talvez, se montanhas se elevassem, surgisse um mar entre elas...

Bom. Já sei, até certo ponto, como é o subsolo daqui e não me interessa por ora o que haverá debaixo da pedra. Provavelmente, mais e mais pedra, té o magma; e este é mais ou menos pedra, assim como tudo quanto possa descobrir abaixo, rumo ao centro deste astro; se inexistirem lençóis de água; se o orbe for redondo e possuir centro - caso não seja oco, e, nesse oco, more e trabalhe um mago, um Ser Antigo, em seu secretíssimo Laboratório... O Espírito, quiçá.

Nem bem penso isso, o vento, ou o Espírito; sim, é este! sopra-me o corpo e eleva-me, cada vez mais alto, mais e mais alto, até se mostrar a curvatura do horizonte e se revelar a meus olhos a imensa beleza da esfera perfeita, ciclópico planeta, muito maior cotejado à Terra, cuja imagem, por magia ou ilusão, posso ver-lhe ao lado, pequena como a de mero satélite.

Medo? nenhum! Que medo fosse esta sensação gostosa, eu a chamara coragem, pois quero e posso voar, sem importar-me se o Espírito me abandonará nas alturas, para espedaçar-me na pedra, mergulhando no tênue metro de bolinhas, lagartas e areia...

É bem possível que as lagartas me respeitassem o cadáver, ou, se o comessem, erigissem-me uma estátua, à minha imagem e semelhança, com bolinhas vermelhas de meu sangue, desta vez de legítimo cristal, se não do mais precioso rubi, para atrair e namorar, feito a pedra namora o vento, a ninfa, enquanto minh'Alma voasse

de volta pelo Além, desprezando o portal do espelho, para sussurrar à pequenina orelha de Delícia, meu último “eu te amo!”...

Ora, que penso! O Espírito é tão confiável que não se importa com minhas dúvidas nem me abandona ao senti-las.

Já que Deus não me ouve; faça-o, Espírito! Conte-me a história daqui, ou mostre-ma, igual num filme acelerado, se não doutra forma inda súpera, para que eu saiba onde estou, quem esteve ou estará aqui, e qual o destino deste mundo estranho, onde só uma espécie visível hoje impera, a despeito de um velho sol denotar o pouco tempo restante antes da grande explosão.

Tempo! Isso!! É isso!!! As lagartas; ou, melhor, as bolinhas; são o tempo daqui! Se eu pudesse separar as linhagens de lagartas, para não contar repetições; ou se soubesse que cada uma é eterna e sempre cá esteve; as incontáveis bolinhas, soltas a espaços e tempos iguais, dariam a contagem do tempo, dos dias (se dias este mundo tiver), dos anos, dos séculos, dos milênios e das eras!

Teria havido aqui alguma humanidade, ou algo parecido, que crescesse, imperasse e morresse? Idade da pedra, do metal; pré-história, história... Túmulos, ruínas; restos para analisar e descobrir o passado, para sentir melhor o presente e imaginar remelhor o futuro!

Ou revelar-se-iam as lagartas as primeiras habitantes, a serem ainda seguidas por essa humanidade?

Oh Espírito! Como é nada perante uma estrela e seus mundos (se mais de um este sol tiver), a duração de uma vida, de uma família, de uma espécie! Mesmo velho, este sol tem tempo para ver nascer, crescer e talvez morrer (caso não fluam para além do sistema), uma, talvez duas ou três, humanidades! Braços, pernas, tentáculos, calombos; não importa! Humanidades, sim! Feito a minha, ou melhores que a minha, onde não haja vizinhos num pretenso paraíso, para atormentarem quem nada de mal e só o bem lhes quis, para verem num exemplo de trabalho um motivo de inveja, para aprenderem o mal quando recebem o benefício da valorização de seus terrenos, pelo embelezamento que, com Delícia e Delcles, dou aos meus e, com estes, à região!

Essa voz! Não é a do espírito!! Vem do futuro, nas mãos etéreas desse Ente de invisível e sublime Luz!!!

“- Já vão lá milhões de montanhas de bolinhas de areia... Com elas enterraram-se as grandes civilizações, e as próprias lendas são ecos ocos nas ruínas... Narram as mais antigas: em nossa espécie, houve um povo de cultura superior. Seu magno arúspice viu o futuro nas entranhas do strutiomelus, e os cientistas o confirmaram. Com magia e capacidade tecnológica; favorecido pela grande distância de nosso planeta à estrela, esse povo de fabros criou um sistema de satélites artificiais geradores de pigmento protetor.”...

- Então será assim! Esses milhões de bolinhas de areia estão ainda por vir! Essas civilizações e lendas, com seus ecos e as ruínas, inda viverão e morrerão aqui, sob este mesmo sol! Sobre estas bolinhas, lagartas, areias e pedra!

Sobre estas... e, enquanto sou devolvido coa pá ao banheiro, perplexíssimo perante o espelho, soa, pela primeira vez, a Voz do Espírito, que me completa a frase:

- Areias de Umalfa!